

PROGRAMA

Apresentação do livro
«Elogio à Poesia: Concurso Agostinho Gomes – 20 anos de poemas»



A convite da Casa Fernando Pessoa, Ana Deus e Luca Argel conceberam em 2017 o espetáculo 'Ruído Vário, Canções com Pessoa'. Desta parceria surgiram as 15 canções escritas quase todas sobre poemas do Fernando Pessoa ortónimo.

As vozes de Ana e Luca transformam e atualizam o génio de Pessoa, passando por diversas das suas facetas, da solenidade trágica ao escárnio humorístico, sempre acompanhadas pela guitarra de Luca e por ruídos outros que ampliam a atmosfera dos poemas.

Entrega de Prémios

www.bm-ferreiradecastro.com



 **Biblioteca Municipal**
Ferreira de Castro

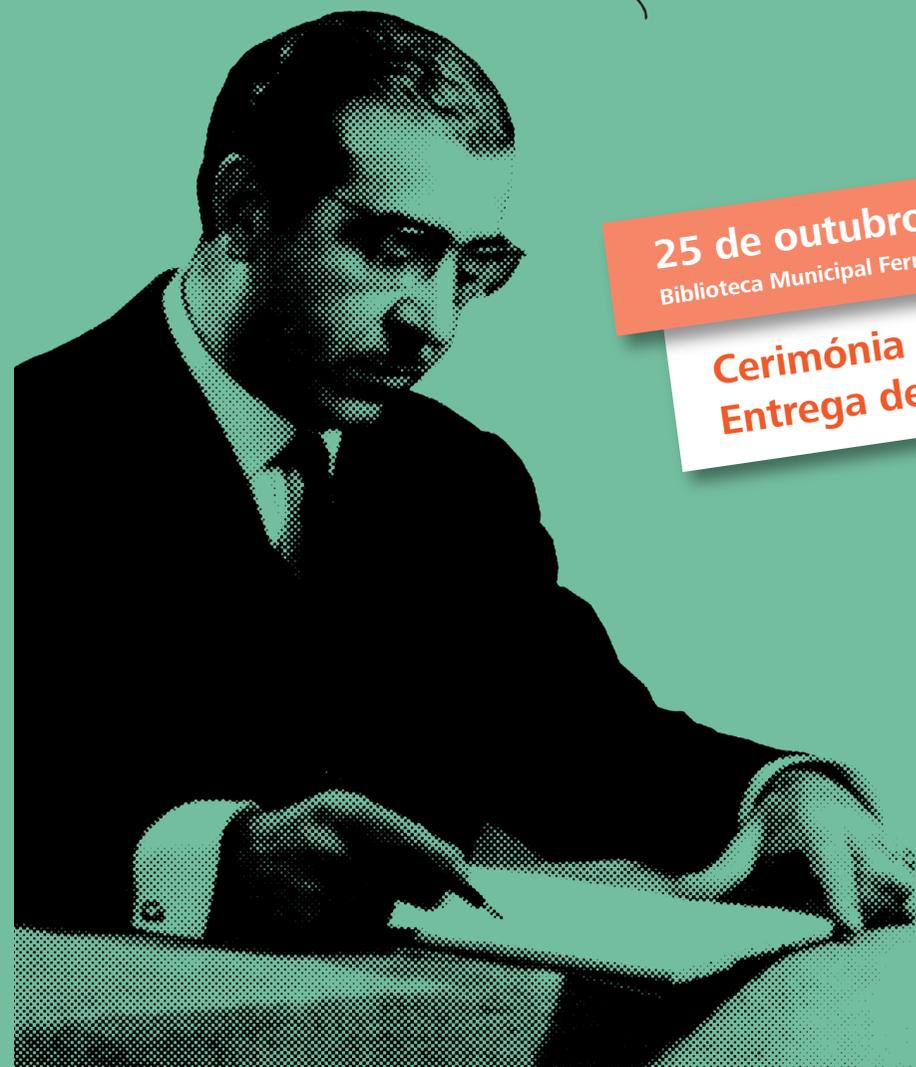
XXX concurso de poesia

AGOSTINHO GOMES

Handwritten signature of Agostinho Gomes in black ink.

25 de outubro | 21h30
Biblioteca Municipal Ferreira de Castro

**Cerimónia de
Entrega de Prémios**



1º LUGAR

BARRAGEM

Nome:
Wellington Kalil de Campos Alves

Pseudônimo:
Conde Paladinho
Belo Horizonte, Brasil

A pegada ritual do meu aboio
é o antigrito gritante
estouro de barragem
com cacoete de boiada
a boiada de brumadinho e mariana
o boom da boiada, o antibumba meu boi, o antiboi da terra
onde boia meu coração/oração/ação
lugar do desvencilhamento como a flor de lótus se desvencilha do
húmus
como as montanhas se desvencilham do chão
Atrás de barragem tem barragem, tem barragem
diga-se de passagem, tem montanha, tem montanha, tem minas,
tem mim
eu sou a sílaba do caos aqui assinalada/inalada/alada
cuja palavra/lavra dividida na ganga da eternidade amarronzada,
muito marrom
um marrom-escuro, quase escuro ou mesmo escuro
por isso mesmo, por acaso, por causa disso e portanto
declamo/clamo /amo e odeio na invia lama
a díspoética lama da alma
Entanto uma boca *entra pra dentro* de um grito cheio de formigas
na insônia analítica desta página engasgada
onde a lama me procura todas as noites vivo ou morto
script na garganta
como se fosse cactos
de onde bang bang

2º LUGAR

Vencedores

Nome:
Maurício Limeira dos Santos

Pseudônimo:
Tobias Menustinha
Rio de Janeiro, Brasil

Os poemas vencedores de concursos literários
são escritos com mãos trêmulas,
por bibliotecários alérgicos
sentados em cadeiras sem estofamento.
Nascem em pequenas e úmidas saletas,
junto às escadas, no final dos corredores,
em dias obrigatoriamente nublados.
Versam sobre estações de trem
e fios de cabelo agitados pelo vento,
passos descalços na areia e a saudade
de um país ou de um amor ou de uma porta
que se fechou e partiu o tempo em dois.
Você os vê, seus autores, tentando sorrir,
nos saraus da associação.
Carregam cestos nas costas
numa aldeia, numa encruzilhada,
numa manhã de chuva.
Uma chuva que sussurra sugerindo
o quanto não seria melhor para nós
abdicar da razão.
Os dias nascem e em seguida morrem.

E há sempre um lugar inalcançável,
uma parede repleta de nomes,
e um prato de sopa entre as folhas brancas de papel.
Há sempre (e neste sempre ocorre de fato
um vislumbre de eternidade)
um laço de parentesco entre o homem
e as coisas com que convive.
Um vínculo perene e não solicitado
que deixa no ar um perfume próprio,
e faz com que o visitante
– raro, esporádico, imaginário –
se imagine numa época estranha
onde não se diz tudo,
e nessas lacunas de silêncio
a insatisfação se perpetua.
Não, eles não podem atendê-lo no momento.
Ocupados, costuram um longo manto de lã,
sob o qual se colocam e se protegem.
Mas, sob o manto, faz calor.
Muito calor.
Assim, os poetas vencedores de concursos literários
estão sempre transpirando.

3º LUGAR

[A terra freme]

Nome:
João Carlos Costa da Cruz

Pseudônimo:
Rosa
Febres, Cantanhede

(...) *Cai em gotas,
das folhas
a manhã deslumbrada*
CARLOS DE OLIVEIRA

A terra freme
farta de chuva. A água
entrega-se
à aspereza das correntes. Uivam
douradas dunas
na orgia do vento. Ao sul
imaculados corpos
dormem
sobre descampados. À passagem
de anjos
entre vinhedos
a água reflete o verde
no rebordo das encostas. Arde ainda
o dia
na casa de adobo
na cinza
das palavras.

PRÊMIO REVELAÇÃO JUVENIL

Nome:
**Rodrigo Miguel Nogueira Soares
Penteado Mesquita**

Pseudônimo:
Edo Nogueira
Alcochete

unificada melodia
A sonolência que em mim se abate
Em passeios eternos, viajo com o vento.
Não tem mérito, nem tem arte
Andar assim, andar isento
Das agitações dos vivos.
Escolho, de entre os mais passivos,
Ou melhor, não escolho,
Momentos descomplicados
(Escolher seria o meu fim)
E por eles, deixo-me levar.
Oh, prazer imenso nos ruídos amontoados
Que se encaixam em lugar
E fazem o seu papel na unificada melodia
Que se conjuga com a corrente,
Para me esvaziar, e me submeter
Ao incrível movimento automático.
Toma o vagar conta do meu ser,
Levai-me para onde quereis,
Sabeis o que fazer;
Aqui estarei, muito quieto,
Não quero despertar,
A sonolência que há em mim.